Revista Municipal
Câmara Municipal de Lousada
N.º 216 Ano n.º 23 – 4.ª série
Data setembro 2022
Depósito Legal 49113/91
ISSN 1647-1881

Suplemento
Associações

Caíde de Rei Sport Clube
Alma Caidense

A assinalar 45 anos de existência, o Caíde de Rei Sport Clube surge como um dos clubes mais representativos do desenvolvimento desportivo do concelho. Radicada num percurso iniciado nos anos de 1940, no lendário campo do Charrascal, por onde passaram o Caíde Futebol Clube e o Alma Caidense, que marcaram a afirmação do futebol na freguesia, a coletividade cresceu e estruturou-se a nível competitivo – com lugar respeitado nas competições oficiais da Associação de Futebol do Porto – e de instalações, no sempre renovado Estádio Quinta dos Ingleses.
Uma história de bairrismo generoso com legítima esperança num futuro de ainda maior sucesso.

Texto

Luís Ângelo Fernandes
luisangelofernandes@gmail.com

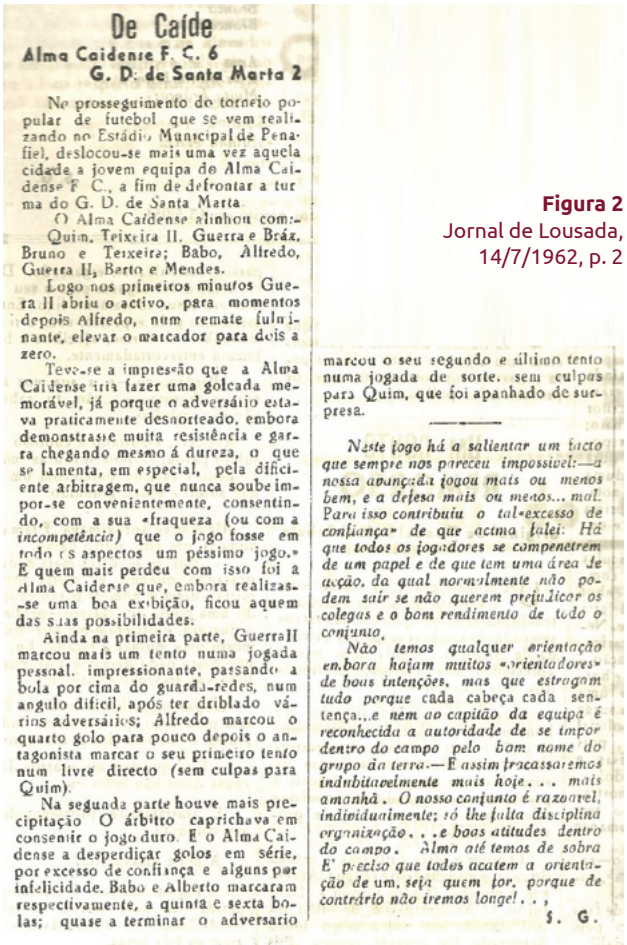
Figura 1 Alma Caidense em 1959, no Campo da AD Lousada. De pé: Alfredo, Joaquim Caetano, Toninho do Simão, ?, ? e Luís Pereira. À frente: Joaquim Neto, Bruno?, ?, Caetano e Zeca Mendes. Coleção particular de D. Júlia Neto.

Se as origens do futebol em Caíde de Rei remontam à década de 1940, o entusiasmo da juventude colidia com a ausência de instalações, contrariedade só oficialmente vencida a 22 de abril de 1945, com a inauguração do mítico campo do Charrascal.

Nesse domingo, o recém-formado Caíde Futebol Clube recebeu o Salgueirenses, do Porto, que viajou de comboio, acolhido festivamente às 11h00, seguindo-se almoço de confraternização. Antes do desafio, a mascote Zinha, filha do treinador, Alfredo da Silva, ofereceu aos visitantes "um artístico ramo de flores com as cores do grupo local", recebendo em troca um galhardete, discursando depois o presidente do clube portuense e o treinador do Caíde, que também arbitrou o jogo. Na partida, iniciada às 15h00, os locais estiveram a vencer por 3-2, mas consentiram a reviravolta nos cinco minutos finais, num encontro pleno "de brilhantismo e boa camaradagem".

No domingo imediato, numa organização de João Moniz, averbou uma robusta vitória por 9-0 sobre o Grupo Desportivo do Porto, alinhando com Magalhães, Carvalheiras e Coelho; Queirós e Rafael; Antero, Toninho (Tomás), Pacheco, Alexandrino, Zeca Teixeirinha e Quintela. Nas semanas seguintes defrontou a Juventude Desportiva da Livração, Lousada Futebol Clube e o Vila Meã, num jogo polémico: os visitantes abandonaram o jogo e só regressaram 20 minutos volvidos. Instantes depois, não aceitaram a expulsão de um jogador e houve invasão de campo, com a assistência a levar consigo os jogadores. No entanto, o Caíde permaneceu no terreno durante todo o tempo que faltava para disputar, ou seja, 75 minutos...

Na altura, o clube era presidido por António Guerra Pereira, reinvestido em 1/7/1945 numa Direção composta também por Manuel Pinto Babo (vice-presidente), António Teixeira (secretário-geral), José Guerra Pereira (secretário adjunto), José Domingos Marques (tesoureiro), José Vitorino Guedes Pereira (tesoureiro suplente) e Luís Lopes Vieira, Álvaro Matos da Costa, José Vieira da Costa Cabanelas e João Moreira da Silva (vogais). Assembleia Geral: Antero Nunes Ferreira de Magalhães (presidente), António Luís de Meneses (vice-presidente), António Vieira da Costa Cabanelas Júnior (1º secretário) e Adriano Pinto Alves (2º secretário). Conselho Fiscal: José Ribeiro Moreira Maia (presidente), António Marques Cerca (secretário), Joaquim Maia e Silva (relator), António Santos, António Joaquim de Bessa e Albano Costa (suplentes).



De Caíde

Alma Caidense F. C. 6
G. D. de Santa Marta 2

No prosseguimento do torneio popular de futebol que se vem realizando no Estádio Municipal de Penafiel, deslocou-se mais uma vez aquela cidade a jovem equipa do Alma Caidense F. C., a fim de defrontar a turma do G. D. de Santa Marta.

O Alma Caidense alinhou com: Quim, Teixeira II, Guerra e Bráz, Bruno e Teixeira; Babo, Alfredo, Guerra II, Berto e Mendes.

Logo nos primeiros minutos Guerra II abriu o activo, para momentos depois Alfredo, num remate fulminante, elevar o marcador para dois a zero.

Teve-se a impressão que a Alma Caidense iria fazer uma golcada memorável, já porque o adversário estava praticamente desnorteado, embora demonstrasse muita resistência e garra chegando mesmo á dureza, o que se lamenta, em especial, pela diferente arbitragem, que nunca soube impor-se convenientemente, consentindo, com a sua «fraqueza (ou com a *incompetência)* que o jogo fosse em todos os aspectos um péssimo jogo.» E quem mais perdeu com isso foi a Alma Caidense que, embora realizasse uma boa exibição, ficou aquem das suas possibilidades.

Ainda na primeira parte, Guerra II marcou mais um tento numa jogada pessoal, impressionante, passando a bola por cima do guarda-redes, num angulo difícil, após ter driblado vários adversários; Alfredo marcou o quarto golo para pouco depois o antagonista marcar o seu primeiro tento num livre directo (sem culpas para Quim).

Na segunda parte houve mais precipitação. O árbitro caprichava em consentir o jogo duro. E o Alma Caidense a desperdiçar golos em série, por excesso de confiança e alguns por infelicidade. Babo e Alberto marcaram respectivamente, a quinta e sexta bolas; quase a terminar o adversario marcou o seu segundo e último tento numa jogada de sorte, sem culpas para Quim, que foi apanhado de surpresa.

Neste jogo há a salientar um facto que sempre nos pareceu impossível:—a nossa avançada jogou mais ou menos bem, e a defesa mais ou menos... mal. Para isso contribuiu o tal «excesso de confiança» de que acima falei. Há que todos os jogadores se compenetrem de um papel e de que tem uma área de acção, da qual normalmente não podem sair se não querem prejudicar os colegas e o bom rendimento de todo o conjunto.

Não temos qualquer orientação embora hajam muitos «orientadores» de boas intenções, mas que estragam tudo porque cada cabeça cada sentença...e nem ao capitão da equipa é reconhecida a autoridade de se impor dentro do campo pelo bom nome do grupo da terra.—E assim fracassaremos indubitavelmente mais hoje... mais amanhã. O nosso conjunto é razoavel, individualmente; só lhe falta disciplina organização... e boas atitudes dentro do campo. Alma até temos de sobra E' preciso que todos acatem a orientação de um, seja quem for, porque de contrário não iremos longe!...

S. G.

Figura 2
Jornal de Lousada, 14/7/1962, p. 2

Figura 3 Equipa em data indefinida. Arq. do Caíde de Rei Sport Clube.

A 2 de dezembro do mesmo ano venceu o FC Aliviada por 1-0, alinhando com Xabrega, Velhinho e Carvalheiras; Queirós, Barros, Matos (Heliodoro) e Quintela; Maia, Toninho, Nunes e Zeca. Vários encontros sucederam-se, com o Tapada, Infesta, Bonfim e Águias de Penafiel.

A passagem do primeiro aniversário do campo foi condignamente assinalada em 28/4/1946, incluindo um desafio entre solteiros e casados, concerto pela Tuna Musical Caidense, bazar e jantar de confraternização.

Se, em 1960, ainda subsistiam registos da atividade da equipa, já nessa altura emergia outro conjunto na freguesia, o Alma Caidense, que encontramos em 1962 a participar num torneio popular no Estádio Municipal de Penafiel, vencendo o Boelhense FC por 2-0. Perante numerosa falange de apoio, alinharam e marcaram: Quim; Teixeira II, Guerra e Brás; Teixeira e Bruno; Alberto, Simony (1), Guerra II, Alfredo e Mendes (1). Veio, também, a vencer o GD Santa Marta por 6-2 e empatar 1-1 com o GD Saudade, mas soçobrou na parte final do torneio.

No outono seguinte, chegou à final de um torneio em Lousada, envolvendo o Aparecida FC, FC Meinedo e FC Macieira, mas terminado em polémica devido a algumas equipas terem recorrido a jogadores federados.

Com a Revolução do 25 de Abril, tornou-se mais premente a necessidade de criação oficial de uma coletividade e uma nova dinâmica surgiu entretanto. No então Café Avenida, próximo da igreja paroquial, decorreram várias reuniões de preparação daquele que viria ser o Caíde de Rei Sport Clube. Inicialmente, a ideia era ser filial ou satélite do Freamunde, por influência de Fernando Teles de Meneses, conhecido dirigente do SC Freamunde, que integrou várias vezes as reuniões, por ligações familiares à terra. Aliás, o complemento do nome escolhido, Sport Clube, confirma esse intuito inicial, assim como o emblema, ao qual foi apenas acrescentado o amarelo, símbolo de liderança, numa altura em que o ciclismo estava muito popularizado.

A fundação ocorreu há precisamente 45 anos, a 24/2/1977, por escritura pública subscrita por 15 sócios, liderados por Abílio da Cunha Sousa, fixando a sede no lugar de Pereiras.

A primeira Direção era constituída pelo Prof. Fernando Trigo (presidente), Artur Paiva (vice-presidente), Prof. Altino Magalhães (secretário) e José de Sousa Pinto Mendes (tesoureiro), na altura presidente da Junta. Iniciou-se, então, finalmente, um percurso estruturado e de sucesso, que levaria o clube à divisão principal da Associação de Futebol do Porto, passando pela construção e melhoramento do parque de jogos e a criação de escalões de formação, que, já em 2003, mobilizava perto de uma centena de praticantes.

Já no campo Quinta dos Ingleses, em jogo de apresentação da equipa e do treinador Joca, a 23/11/1985, venceu o Parada (Castro Daire) por 2-0, alinhando com Babo (Sérgio); Pereira, António Pinto, Maciel, A. Mendes (José Soares), Chico, José Eduardo (Zé Benfica), Serafim, A. Pereira, Zé Queirós e Ribeiro. Venceu por 2-0, com golos de Zé Benfica e Chico, em desafio arbitrado por Justino Oliveira, auxiliado por José Santos e Casimiro Babo.

Figura 4 Equipa em data indeterminada. Coleção particular de Luís Santos.

Figura 5 Outra equipa em data incerta. Coleção particular de Luís Santos.

A primeira subida de divisão, na altura à 2.ª Divisão Distrital, com Joaquim Ribeiro na presidência, ocorreu na época 1987/88, enquanto o acesso à 1.ª Divisão Distrital, na altura escalão máximo da AF Porto, aconteceu na temporada 1990/91, tendo José Morais da Silva na presidência e, como, técnico João Monteiro. Na 1ª jornada cedeu empate caseiro com o Raimonda alinhando com Titas; Zé Benfica, Nelo, Barrigana (Peixoto) e Miguel; Vieira I, Carlos Jorge (André) e Vieira II; Ferraz, Zé Eduardo e Leal. Porém, o objetivo foi alcançado, sagrando-se mesmo campeão da 2.ª Divisão na finalíssima com o Angeiras.

Em abril de 2001, novamente treinado por João Monteiro, subiu à Divisão de Honra e foi campeão da 1.ª Divisão, suplantando na final o Oliveira do Douro: após 1-0 em casa, empatou 2-2 na 2.ª mão alinhando com Ventuzelos; Ricardo Moreira, Sérgio (Lino), Marcelo e Jorge Filipe (Serginho); Elias, Zé Cruz e Raul (Nóbrega); Marcos, Seixas e Vasco.

Com as vicissitudes próprias do futebol, foi relegado novamente para os escalões inferiores, mas voltou a ascender à 1.ª Distrital em 2009/2010, treinado por António Babo, descendo posteriormente, mas regressando àquela divisão em 2012/2013, sob o comando de José Maciel, para, em 2017/18, sob orientação técnica de Tojó e presidência de Fernando Madureira, subir à Divisão de Honra, onde ainda se encontra.

Camadas jovens com 90 atletas

Iniciados do Caíde em destaque

As camadas jovens do Caíde de Rei envolvem 90 atletas, distribuídos por Juniores, Juvenis, Iniciados e Infantis. Os resultados têm sido bons, destacando-se os Iniciados, que estão a fazer um brilharete. Nem tudo são "rosas" no futebol juvenil, onde os "espinhos" são muitos. Os directores não desanimam e os resultados aí estão.

Jogadores de Caíde, Vilar e Meinedo

Atenção a estes miúdos!

Os Iniciados ainda sonham com a subida à 1.ª Divisão da AFP

Iniciados - 2.ª Div. - AFP
Caíde, 9 - Amarante, 2

Primeira derrota obriga a "fazer contas"

Figura 6 *TVS*, 8/5/2003, p. 22.

Figura 7 A equipa da primeira subida de divisão, em 1988. De pé: Antero Couto, Zé Eduardo, Maciel, António Pinto, Parrinho e António Ribeiro. Em baixo: Zé Benfica, Mendes, Renato, Serafim e Carlitos. Coleção particular de D. Júlia Neto.

Campo de jogos
Do Charrascal à Quinta dos Ingleses

O Charrascal, o primeiro campo de futebol da freguesia, constituindo embora importante conquista, apresentava vários constrangimentos. Desde logo, os acessos, junto ao Lugar Novo, impedindo veículos automóveis. Mesmo a pé, era elevado o esforço para subir a pequena encosta. Mas o próprio recinto necessitava de melhoramentos, pelo que as primeiras ofertas em pinheiros, dinheiro e mão de obra surgiram em janeiro de 1946.

A necessidade de um espaço mais condigno ficou mais sublinhada com a boa prestação do Alma Caidense no torneio de Penafiel, em 1962. O correspondente do *Jornal de Lousada*, usando as iniciais S. G., apresentava mesmo "os nomes de alguns bons caidenses que irão dar o melhor dos seus esforços para a solução do assunto: António Joaquim de Bessa, José do Couto P. Magalhães, José Mesquita, António Teixeira, António Guerra Pereira, António Cabanelas Júnior, Artur Teixeira, José Ribeiro da Cunha, António do Couto P. Magalhães e Adriano Teixeira". Todavia, o processo não terá avançado como o pretendido.

Em 1975 a Associação Recreativa de Caíde, liderada por José Fernando Teixeira de Sousa, apontava como grande prioridade a construção do campo, mas as negociações foram infrutíferas.

Com a criação do Caíde de Rei Sport Club, em 1977, imediatamente a questão do campo se colocou, tendo a opção recaído no terreno atual, propriedade da Quinta dos Ingleses, cujo representante, Camilo Rodrigues, regressado de África, verbalmente ofereceu. Iniciadas as terraplenagens pela empresa local "Cunhas – Construções e Obras Públicas" no segundo trimestre de 1978, foi possível, em outubro desse ano, a conclusão do piso de jogo e balneários, de imediato vistoriados pela Associação de Futebol do Porto.

Para trás ficou um episódio caricato: quando os dirigentes se deslocaram à Fundição de Caíde para construir as balizas, ninguém sabia as medidas exatas. Por coincidência, chegou a Leixões um carregamento da América do Sul, no qual vinham balizas de futebol, sendo apenas necessário assegurar transporte, pintura e colocação.

Realizaram-se então vários torneios e jogos particulares até que, em meados de 1979, houve conhecimento de que o terreno afinal havia sido vendido, originando grande incerteza, prolongada durante vários anos.

Quando António Cunha assumiu a presidência do clube, em 1986, realizou um trabalho notável: vedação de todo o terreno de jogo, beneficiação dos balneários, construção de parte das bancadas e acordo com a Quinta dos Ingleses, que passou a denominar o recinto. A inauguração ocorreu a 13/9/1986 com um Caíde-Barrosas e espetáculo de variedades com António Sala, Elisabete Sala e Olga Cardoso. Durante a sessão, António Cunha reivindicou a abertura de um arruamento e eletrificação dos acessos, bem como a iluminação do próprio campo, pois as obras, entretanto executadas, já possibilitavam a realização de desafios do Nacional da 2.ª Divisão, que, inclusive, permitiram à Associação Desportiva de Lousada ali disputar quatro desafios, devido à interdição do seu recinto.

O processo de construção do resto das bancadas e da nova sede foi liderado pela Direção presidida por José Morais da Silva, o saudoso Zé do Barral, com a inauguração da bancada lateral a 7/3/1999, no intervalo de um Caíde-Aparecida relativo à 1.ª Divisão Distrital. Já na presidência de José Maciel, o relvado sintético foi inaugurado a 6/5/2018, em cerimónia que antecedeu o desafio com Lamoso.

Figura 8 Jogo de inauguração do piso sintético. Arq. da Câmara Municipal de Lousada, Gabinete de Imprensa.

Bibliografia

[AFONSO, Manuel] (1986). Inauguração do Parque de Jogos do Caíde de Rei Sport Club. *TVS – Terrras do Vale do Sousa*, 21/10/1986, pp. 1, 8.

A. S. (1945). Caíde Futebol Clube. *Jornal de Lousada*, 21/4/1945, p. 2.

A. S. (1945). Caíde Futebol Clube. Inauguração do Campo de Jogos. *Jornal de Lousada*, 21/4/1945, p. 2.

Caíde Rei [em linha]. In https://www.zerozero.pt/ Consulta a 18/6/2022. Disponível em https://www.zerozero.pt/equipa.php?id=11137&search=1&search_string=caide+de+rei&searchdb=1

FERNANDES, Luís Ângelo (2015). *Uma História do Desporto em Lousada. Lousada: Município de Lousada.*

NETO, Maria José. Caíde de Rei Sport Clube. *TVS – Terras do Vale do Sousa,* 6/9/1985, p. 9.

[SILVA, Sérgio] (2003). Iniciados do Caíde em destaque. *TVS – Terras do Vale do Sousa,* 8/5/2003, p. 22.

S. G. (1962). De Caíde. *Jornal de Lousada*, 8/9/1962, p. 2.

[Tomaz de Barros] (1945). Caíde Futebol Clube. *Jornal de Lousada*, 14/7/1945, p. 2.

Informação oral do Prof. Altino Magalhães em 16/6/2022.